



## O SÍMBOLO, O MITO E A RECEPÇÃO NA FÁBULA TOCANTINENSE

José Ferreira Cacio<sup>1</sup>

### RESUMEN:

*EL SÍMBOLO, EL MITO Y LA RECEPCIÓN EN LA  
FÁBULA TOCANTINENSE*

*El estado de Tocantins en Brasil es nuevo considerando su creación y separación del estado de Goiás (1988), pero la población local, especialmente la del interior del país, carga las tradiciones seculares que son transmitidas oralmente. Las fiestas folklóricas y los mitos aún son mantenidos y preservados, así como el espíritu grupal en la realización de esas festividades y en la conservación de la tradición, como en las 'Cavalhadas'.*

**Palabras claves:** Símbolo, tradición, imaginario, mito, fábula.

### ABSTRACT:

*SYMBOL, MYTH AND RECEPTION IN THE  
TOCANTINENSE FABLE*

*The state of Tocantins (Brazil) is new, considering its creation and separation from the state of Goiás (1988). However, the local population, especially that of the interior of the country, exhibit age-old traditions maintained by oral transmission. The folk festivals and the myths are still maintained and preserved, as well as the group spirit in their celebration and carry on with the tradition, as in the 'Cavalhadas'.*

**Key words:** Symbol, tradition, imagery, myth, fable.

**RESUMO:** *O estado de Tocantins –Brasil– é novo ao se considerar sua criação e separação do estado de Goiás (1988), mas a população local, principalmente a interiorana, carrega tradições seculares mantidas pela transmissão oral. As festas folclóricas e mitos ainda são matidos e preservados. O espírito de grupo na realização dessas festividades é a de manter a tradição, como nas cavalhadas<sup>2</sup>.*

**Palavras chaves:** Símbolo, tradição, imaginário, mito, fábula.

**A** maneira de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são produtos de uma herança cultural, ou seja, uma criação social. Indivíduos de diferentes comunidades podem ser identificados por uma série de características. Cada povo tem um determinado padrão que por sua vez difere dentro da comunidade. Acredita-se que todos os japoneses riem de uma mesma maneira. Eles estão convencidos que o riso varia de indivíduo para indivíduo dentro do Japão e que todos os ocidentais riem de modo igual.

Câmara Cascudo, no livro *Literatura oral no Brasil*<sup>3</sup> afirma que a

"fisionomia" de uma cultura pode ser estabelecida a partir da percepção das "variantes". [elemento central + elementos locais = variantes = fisionomia]. Essas variantes são os enredos com diferenciações que podem trazer as cores locais,

\* Fecha de Recepción: Agosto 2008.

Fecha de Aceptación: Septiembre 2008.

<sup>1</sup> Ferreira Cacio, José, Instituto de Letras, Universidad de Brasília, Brasília, Brasil.

<sup>2</sup> As cavalhadas representam a luta entre mouros e cristãos. São doze cavaleiros mouros e doze cavaleiros cristãos. Na final da longa batalha, vencem os cristãos que ainda conseguem converter os mouros ao cristianismo.

<sup>3</sup> Luis da Câmara Cascudo, *Literatura oral no Brasil*. Ed. Itatiaia, Belo Horizonte; Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984, 3ª ed.

algum modismo verbal, um hábito, frase, denunciando, no espaço, uma região e no tempo, uma época. (Cascardo, 1984:34).

O estado de Tocantins é novo ao se considerar sua criação e separação do estado de Goiás (1988), mas a população local, principalmente a interiorana, carrega tradições seculares mantidas pela transmissão oral.



Localização do Estado do Tocantins no Mapa do Brasil

O homem procura desenvolvimento fortalecendo sua identidade. O sentimento de brasilidade ainda não se formou completamente. A identidade nacional ainda é muito discutida<sup>4</sup>. O Estado de Tocantins, o mais novo de todos, busca o encontro da essência de brasilidade para se firmar como regional. Se o Brasil inteiro está em construção, o Tocantins reflete uma identidade brasileira. Falar de identidade nacional e regional é brasilidade.

O imaginário do povo tocantinense, que nasceu em um estado e cresceu em outro, sem sair do seu território, são partes constitutivas da identidade cultural da região. Roberto Schwars<sup>5</sup> afirma que “*a vida cultural tem dinamismos próprios, de que a eventual originalidade como a falta dela, são elementos entre outros*”.

O mito e símbolo, a fábula gerada dos símbolos, as festas folclóricas e lendas ainda são mantidas e preservadas. O espírito de grupo na realização das festividades está presente em todos. A preocupação na realização dessas festividades é a de manter a tradição, como nas cavalhadas.

Então, o que são os mitos, fábulas e histórias orais? Podem ser formas discursivas de revelar as diferentes culturas e adequados às necessidades de vida e sobrevivência. Tal afirmação é levantada por termos em mente a diversidade de condição humana em sua existência, a partir dos sentidos que uma realidade cultural constrói para aqueles que a vivem.

Os sentidos construídos dos mitos não descartam os símbolos existentes, como afirma Mircea Eliade:

...a presença das imagens e dos símbolos que conservam as culturas “abertas” a a partir de qualquer cultura, tanto a australiana como a ateniense, as situações limite do homem são perfeitamente reveladas graças aos símbolos que sustentam essas culturas. Se as imagens não fossem ao mesmo tempo uma “abertura” para o transcendente, acabaríamos por sufocar qualquer cultura, por maior e admirável que a supuséssemos (Eliade, 1991:174).

<sup>4</sup> Roberto A. Damatta, *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 2004; Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2004; Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2005; Lourenço Dantas Mota, *Introdução ao Brasil: um banquete nos trópicos*, São Paulo, Editora SENAC, 1999.

<sup>5</sup> Roberto Schwars, *Cultura e política*, São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2005.

E Vladimir Iakovlevich Propp<sup>6</sup> também postula que:

A vida real sempre cria figuras novas, brilhantes, coloridas, que se sobrepõe aos personagens imaginários; o conto sofre a influência da realidade histórica contemporânea, do *epos* dos povos vizinhos, e também da literatura e da religião, tanto dos dogmas cristãos quanto das crenças populares locais. O conto guarda em seu seio traços do paganismo mais antigo, dos costumes e ritos da antiguidade. Pouco a pouco, o conto vai sofrendo uma metamorfose, e suas transformações também estão sujeitas a determinadas leis. (Propp, 1984:81).

Rebelais, Giordino, Bruno ou Marsílio Ficino, pensadores da Idade Média desempenharam o importante papel de fazer chegar até nós a tradição centrada no *mythos* (originária de Sócrates e mesmo dos Pré-socráticos), que havia sido substituída pelo *logos*, consagrado pela razão. Esse pensamento era contrário dos intérpretes do pensamento antigo, baseados em Aristóteles, que estabeleceram como sistema para o conhecimento da realidade apenas a lógica da razão e a abordagem empírica pela percepção. Essa corrente de pensamento, que vai desde a Idade Média à Moderna, com Decartes, deixou de lado a imaginação, enxergando-a como a demente. Já o final do século XVIII e início do XIX, foi marcado por transformações de toda ordem na Europa, o Romantismo que valorizava a força dos mitos e dos arquétipos, presente no devaneio, na fantasia e sonho com propensão ao popular e ao nacional. Hoje, a razão exclusivista perde confiança em função da valorização da emoção do ser humano.

Como distingue razão e emoção, Ciappini (apud Brandão e Maria de Jesus, 1999:53) fala do mito e da lenda: “*se aparentam, mas também se distinguem. Como o passar do tempo, por exemplo, tais diferenças tendem mais semelhança que à diferenciação*”. Segundo o autor, mitos e fábulas são conceitos que se referem às narrativas de cunho popular, cuja origem é oral, meio pelo qual elas são passadas de geração em geração. Ambas são a “história miraculosa do sobrenatural” e de que dele se aproxima.

Nas palavras de vários mitólogos, o termo mito significa “enunciado verbal”, podendo traduzir-se de acordo com o contexto, por “conversa”, “oração”, ou “fala pública”, “conversa”, “conselho”, “relato confirmado por testemunho”, “conto”, “narrativa fabulosa”, “apólogo”, “argumento ou trama” e “história sagrada”. Já o verbo “mytheo” significa “falar”, “conversar”, “narrar”, “nomear”, “fazer um relato fantástico”. Portanto, tanto o verbo como o substantivo aparecem o conceito de “narrativa” ou “relato fabuloso fantástico”.

Para Jabouille (1994:34), a “*mitologia viva vise-se e é um modo de expressão e pensamento*”. Nesse sentido mito se distingue do conto popular perante o qual se adota uma atitude atenta “audição e não de vivência”. O mito é vivo e migrante como o símbolo que o acompanha.

Um símbolo pode ser definido como uma representação que não procura ser uma reprodução. O Conde Goblet D’Alviella (1991:21) postula que “*por meio do simbolismo, os objetos mais simples e comuns são transformados, idealizados, adquirindo um valor novo e, por assim dizer, ilimitável*”. Requer que haja apenas características comuns com o objeto representado como de uma aliança e do casamento.

É por meio dos símbolos que pensamos e falamos. E ao captar um lampejo de uma verdade superior que há detrás da realidade palpável criamos o mito. “*Sem dúvida, os símbolos que atraíram em mais alto grau a veneração de multidões foram os signos que repre-*

<sup>6</sup> Propp, Vladimir Iakovlevich, *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1984.

*sentavam deuses, muitas vezes grosseiros e indecentes. Mas o que têm sido deuses senão símbolos mais ou menos imperfeitos do Ser que transcende disfunção, e a Quem a consciência humana, como maior ou menor clareza, advinha através e acima de todos esses deuses?”* (D’Aviella, 1891:22).

O simbolismo acontece em larga medida em recorrência ao sentimento, principalmente o religioso. O mito também pode representar um poder que motiva o ser humano pode representar um sistema de valores, tanto para a vida humana quanto para a natureza. Campbell (1997) afirma, sobre essa representação, que: *“ao lado desse poder e desses valores, os mitos são metáforas de potencialidades espiritual do ser humano”*. Portanto, “os poderes que animam a vida humana também animam o mundo, numa ligação do mundo imaginário com a consciência racional”. O que é mito para um indivíduo pode ser realidade para outro.

Os estudos de Jung (apud Rocha, 1985), por exemplo, mostram que povos separados no espaço, distantes no tempo e diferentes na cultura, produziram mito muito semelhantes. Já os estudos de Propp (1973) constataram que as funções dos mitos são constantes, enquanto todo o resto pode variar.

As histórias inventadas são mitos? Ou mitos são acontecimentos históricos? Segundo Jabouille (1994:22), *“o historiador Heródoto considerava-se como uma das suas fontes históricas, mas uma fonte que, por ser oral e tradicional, é preciso encarar de modo crítico”*. Ele considera também que a posição generalizada parece ser a de aceitação do mito como uma verdade (popular e tradicional) que tem pormenores a corrigir. Propp vê nos contos populares a reminiscência dos mitos totêmicos de iniciação. Jamais encontraremos nos contos a reminiscência exata de um determinado estágio de cultura: os estilos culturais e os ciclos históricos estão neles encaixados um nos outros.

No ciclo histórico, os personagens nas fábulas conseguem sobreviver dentro de seu território. São emancipados dos Deuses, seus protetores companheiros bastam para assegurar-lhes a vitória. O mundo é acessível e claro.

As inúmeras fábulas que a terra tocantinense recria e “cria” pode revelar a vontade de conquista ou liberação de um pensamento sufocado pela falta de oportunidade, ou ainda, a expressão vitoriosa dentro da lenda para distanciar-se do sofrimento ou do desejo não alcançado. O desejo de perpetuar os valores locais antecede a conquista dos mesmos. O impulso para o maravilhoso sobrepõe mesmo se confrontado com a intenção moralista. As virtudes simples das personagens boas e o castigo das malévolas são igualmente simples e absolutas. A estrutura dos contos populares foi assim pensada por Joseph Campbell<sup>7</sup>:

o percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma expansão da fórmula representada nos rituais de passagem: Separação-Iniciação-Retorno- que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito...Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (Campbell, 2007: 36).

Talvez a função moral das fábulas seja no fato de contá-las e ouvi-las. Ao transmiti-las o outro estará recebendo um conto carregado de valores morais, mas que acaba por passar despercebido devido ao conteúdo envolvente.

<sup>7</sup> Joseph Campbell, *O herói de mil faces*. São Paulo, Pensamento, 2007.

Não se sabe dizer com certeza de onde vem um conto popular, ele é fruto de criação coletiva, sem fronteiras, faz parte do imaginário do povo. Alguns folcloristas tentaram descobrir a origem dessas histórias, o que muitas vezes é impossível, a esse respeito diz Câmara Cascudo:

durante muito tempo houve um processo simplista de localizar a origem de influências. Uma estória no Brasil e outra semelhante n'Africa? Será que Portugal não explicaria a situação de ambos os motivos, tendo-os levado para África e Brasil? (...) O encontro de histórias sabidamente velhas n'Africa, na Europa central e de leste, na Lapônia, na Finlândia, na Lituânia, ou na extrema Oceania, perturbou o método. Os próprios mapas etnográficos só podem evidenciar o diagrama de percurso e não o ponto indiscutível da velocidade inicial. (Cascudo, 1984: 147-148)

Assim como não se pode descobrir a real origem de um conto popular, também não se pode exigir dele que seja coerente. Pois, cada pessoa reconstrói a história a partir de perspectivas próprias. A coerência de um hábito cultural somente pode ser analisada a partir do sistema a que pertence.

Na fábula Tocantinense, os personagens das fábulas, as narrativas ou as imagens permanecem as mesmas dos tempos passados. O que muda é a vibração em níveis diferentes de consciência e de percepção, experiências e valores locais. As matizes do símbolo variam com os próprios termos que o constitui, continua a comandar diferentes interpretações, que progridem ao longo do século, girando em volta do mesmo eixo simbólico. O Deus do passado que colocava ordem na consciência das pessoas vem transvertido de fantasma que avisa e aconselha. A princesa que tinha muitas amas se transforma na dona de casa com muitos afazeres e obrigações conforme reza a fábula tocantinense: Princesa Suja. Dizia que há muitos anos atrás um rei sonhava que um dia aparecesse alguém para casar com sua filha a Princesa Suja. Todos os príncipes e pessoas importantes do reino a conheciam e não a aceitavam por causa da sujeira. Um dia apareceu um certo homem, com fama de maluco, e propôs a princesa em casamento. Como não tinha opção o rei aceitou e pensou:

—Não durará mais que um dia esse casamento.

O casamento foi realizado e passaram vários dias. Ao regressarem ao castelo o rei ficou curioso para saber como o certo homem havia suportado a princesa que cheirava mal e realizava suas necessidades na cama. O recém-marido explicou:

—Simples. No dia seguinte ordenei que ela mesma fosse ao rio e lavasse todas as roupas e a si mesma. Quando percebeu que não havia ninguém para realizar as tarefas e obrigações de casa: aprendeu. Assim o homem pobre ficou rico e a princesa aprendeu a cuidar do corpo e da casa.

Na história relata o trivial. A idéia e transmitir ao ouvinte uma lição de moral. Situa-se a mulher como responsável pelas obrigações de casa. Aproxima algo inacessível ao cotidiano. A mesma história permeia séculos mas com percepções locais.

Portanto, o mundo é visto de acordo com as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são produtos de uma herança cultura. Indivíduos de diferentes comunidades podem ser identificados por uma série de características. Cada comunidade cria uma maneira de se estabelecer e marcar as histórias com suas experiências e percepções.

---

## BIBLIOGRAFIA

- Benjamin, W.** (1994): “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” in *Obras escolhidas I – Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo, Editora Brasiliense.
- Campbell, Joseph** (2005): *O poder do mit*. São Paulo, Palas Athena.
- Campbell, Joseph** (2007): *O herói de mil faces*. São Paulo, Pensamento.
- Cascudo, Luis da Câmara** (1984): *Literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte, Universidade de São Paulo, São Paulo, Itatiaia.
- Cascudo, Luis da Câmara** (1998): *Dicionário do folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, Ediouro Publicações.
- Chevalier, J.; Gheerbrant, A.** (2008): *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- Damatta, Roberto A.** (2004): *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro, Rocco.
- D’Alviella, Conde Goblet** (1990): *A migração dos símbolos*. São Paulo, Pensamento.
- Eliade, Mircea** (1969): *O mito do eterno retorno*. Lisboa-Portugal, Edição 70.
- Eliade, Mircea** (1972): *Mito e realidade*. São Paulo, Perspectiva.
- Eliade, Mircea** (1991): *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo, Fontes.
- Holanda, Sérgio Buarque de** (2005): *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Jabouille, Victor** (1986/1994): *Iniciação à ciência dos mitos*. Portugal, Inquérito.
- Propp, Vladimir I.** (1984): *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária.
- Schwars, Roberto** (2005): *Cultura e política*. São Paulo, Paz e Terra.